

O ajuste de contas na ficção: Pinheiro Chagas retratado por Eça de Queirós

The adjustment of accounts in fiction: Pinheiro Chagas portrayed by Eça de Queirós

*Jane Adriane Gandra**

**Universidade Estadual de Goiás (UEG)*

Resumo: Este artigo discute o processo caricaturesco que Eça de Queirós se utilizou na sua ficção para desabonar seus desafetos. Veremos que alguns de seus personagens caricatos irão ser baseados na figura do seu principal adversário, Pinheiro Chagas.

Palavras-chave: Eça de Queirós. Pinheiro Chagas. Caricatura. Ficção.

Abstract: This article discusses the caricatured process that Eça de Queirós used in his fiction to dissuade his enemies. We will see that some of his caricature characters will be based on the figure of his main opponent, Pinheiro Chagas.

Keywords: Eça de Queirós. Pinheiro Chagas. Caricature. Fiction.

É bem mais comum do que se possa imaginar o uso da crítica por meio do humor e a deformação do real sob o formato de retrato caricato. Não só Eloy do Amaral (1947), mas se tornou um lugar comum nas histórias literárias sobre Eça, o fato de atribuírem-lhe uma crítica social estabelecida por meio do riso. O próprio Eça qualificou que “o riso é a mais antiga e a mais útil forma da crítica, passe-se sete vezes uma gargalhada à volta duma instituição, e a instituição alui-se” (QUEIRÓS, NC, s.d, p. 1383). Certo é, para Amaral, que o romancista em *Os Maias* ilustrou tipos caricaturais da sociedade portuguesa que os projetou eternamente a épocas vindouras.

Até então no decorrer das polêmicas travadas com Pinheiro Chagas, Eça não havia explicitado a finalidade do retrato-sátira que habitualmente dedicou a seus adversários. Neste artigo, *A propósito de Os Maias*, ele aborda que:

A sátira, caro amigo, vem muito habilmente, como o astuto fim de alvoroçar o público, criar um tumulto de curiosidade, obrigar todos os olhos a volverem-se para o motivo que a provocou, para o “retrato”, evidência de glória, instintiva homenagem dada ao alto poeta (QUEIRÓS, NC, s.d, p. 1472).

A polêmica de *Os Maias* não pode ser considerada como um confronto direto entre Eça de Queirós e Pinheiro Chagas, apesar de ter gerado alguns textos importantes que elucidam a convivência tumultuada que eles mantiveram em seu tempo. De fato, para Eça, seria impossível escrever romances de costumes sem fixar os traços daqueles que representavam mais aproximadamente os hábitos daquilo que se queria criticar. Nessa perspectiva, nas ideias de João Gaspar Simões (1945) não só Alencar constituía para Eça o seu modelo real, como o desprezível personagem Dâmaso Salcede parece ter sido inspirado na imagem do crítico da *Revista Estudos Livres*, Reis Dâmaso, pelo menos dele provinha-lhe o nome. De outro lado, Gentil Marques (1946) acrescenta a esta coletânea de retratos a figura de João da Ega e Carlos da Maia que seriam, portanto, a caricatura do próprio Eça. Do primeiro, teria o seu autor refletido as suas bizarrias, os seus defeitos, as suas virtudes, a sua ironia. Já do segundo, subtraía de si, o homem dono das suas ideias sobre arte e literatura, para construir Carlos da Maia.

Pinheiro Chagas teria aproveitado então os ânimos agitados lisboenses após a publicação d’ *Os Maias*, pouco tempo depois que findara a controvérsia n’ *A Relíquia*¹, para

¹ Ver Gaspar Simões, 1945. Eça na época que travava a polêmica com Pinheiro Chagas sobre o prêmio da Academia estava revendo as últimas páginas de *Os Maias*.

lavar um artigo publicado no jornal *O País*, do Rio de Janeiro², com o título *Bulhão Pato e Eça de Queirós*. Por outro lado, Pinheiro Chagas pressentira que teria sido também, como a outros literatos da capital, alvo do ridículo nessa obra. Assim, neste artigo, ele aproveita e defende Bulhão Pato da pretensa ofensa que Eça lhe fizera ao retratá-lo na figura de o Alencar d' *Os Maias*.

Eça de Queirós tivera no seu último romance *Os Maias* a desastrada ideia de fazer de Bulhão Pato uma caricatura semelhante às de Bordalo Pinheiro que sabe com o seu lápis ridicularizar um modelo, conservando-lhe, porém ao mesmo tempo tão distintas e acentuadas as linhas da sua fisionomia, que não há quem não reconheça logo o caricaturado. Assim, Eça de Queirós apanhando com verdade uns certos tics bem conhecidos de Bulhão Pato, reproduzindo de vez em quando o seu modo de dizer, a sua expansão, apanhando-lhe umas frases prediletas, carregara ao mesmo tempo a caricatura, e daquele belo tipo peninsular de Bulhão Pato, com a exuberância da sua palavra vivamente colorida, com o seu largo gesto franco e bom, fizera ao mesmo tempo uma fisionomia ridícula e um imbecil. Bulhão Pato sentiu a agressão e revoltou-se. Em dois traços vigorosos e cruéis vibrou a Eça de Queirós uma sátira violenta, e confessemos que nesta luta travada entre os dois grandes escritores, *les rieurs ne furent pas du cote du romancier*. (CHAGAS, 1888 apud MATOS, 1988, p. 714).

Em carta a Carlos Lobo de Ávila para *O Tempo*, intitulada *Tomás de Alencar – uma explicação*, Eça se defende dessa acusação, mas não deixa de fazer referência ao nome de Pinheiro Chagas, da seguinte maneira “sempre este homem fatal!”. Bulhão Pato, em resposta, de acordo com Gaspar Simões (1945, p. 570) cria a sátira *O Grande Maia*, “em que repercutia o eco do escândalo que na capital provocara a pintura irônica da vida lisboeta, vingando-se daquilo que ele supunha ser uma mordedura do romancista”. Neste poema, seu autor põe a ridículo a obra, a figura literária de Eça e a influência de Zola sobre sua produção literária. Pato faz insinuações de que havia entre eles mais do que relações amigáveis, na verdade, teria sido o autor de *Paqueta* uma referência literária nos primeiros escritos de Eça, como expressa o trecho abaixo.

[...] Maganão! Nunca vi quem fosse tão ingrato!
Em tempos procurei fazê-lo a um certo trato.
Tinha um sabor montês, uns jeitos de furão,

² Artigo datado em 13 de dezembro de 1888.

Como inda agora tem, quando entra num salão.

.....
Vinte anos lhe apertei cordialmente a mão,
Supus que era um amigo. E morde-me, o vilão!
Obriga-me, cachorro, a rebaixar o estilo!
Mas que lhe hei-de eu fazer, tratando-se daquilo!
Fraldiqueiro saltão, tu dizes às inglesas
O que dizes no livro à pátria, honrado consular,
O brilho que tu dás à fama do teu lar!
Das brumas d' Inglaterra, ó bravo patriota,
Brindas o teu país chamando-lhe idiota!
(PATO apud LUSO, 1945, p. 321-322)

Pato não deixa de considerar Eça como antipatriota que censura e castiga os vícios da nação, mas que se mantém longe desta, optando por morar no estrangeiro.

Eça não deixou por menos, em sua argumentação justificara que para se retratar um poeta era necessário conviver com ele, conhecer fielmente suas características físicas e morais, as suas concepções, os seus hábitos, os gestos, as suas manias, os defeitos, os seus interesses. Enfim, tudo para que se pudesse formar uma personalidade. Embora Eça argumente isso, é bem claro para Simões (1945) que o autor de *Os Maias* apropriou-se da pessoa de Bulhão Pato apenas os traços exteriores para construir o tipo Tomás de Alencar. Para esse crítico, são tão visíveis as similaridades que dificilmente não se aproximam o real do imaginário na fórmula Bulhão Pato-Alencar.

Parte da crítica como João Gaspar Simões (1945), Irwin Sterne (1980) defendem que na figura de Tomás de Alencar não tinha somente traços de Bulhão Pato, mas também muita coisa de Pinheiro Chagas. Para estes críticos do século XX, a ideia mais plausível seria a de que Eça teria se apropriado para reproduzir no seu romance essas caricaturas não só de uma única pessoa, mas de um universo maior de indivíduos conhecidos. Certos estes de que para se chegar ao produto de uma figura de romance é necessário à associação de características distintas na sua criação. Dessa forma, possivelmente, Chagas entrava em luta novamente com Eça não só para defender ao confrade Pato, mas também em defesa própria. Considerando que ele tenha percebido em *Os Maias* vestígios de sua própria psique na personagem estereotipada de Tomás de Alencar. Dentre algumas aproximações entre ambos, uma de considerável relevo concerne na figura do Alencar “patriota à antiga”, como vemos a seguir neste trecho: “E o Alencar, diante daqueles estrangeiros que o não tinham saudado, apurava a sua atitude de **grande homem nacional**, retorcendo a ponta dos bigodes, alçando mais a fronte nua.” (QUEIRÓS, *OM*, s.d, p. 222, grifo nosso). Ora, esse era um dos pontos mais combativos por Eça na polêmica em que travou com Chagas, em 1880, *Brasil e Portugal*. Pensemos, então, que *Os Maias* foi antes de tudo uma revanche em que Eça rediscute através

das suas personagens Ega, sua auto-imagem, e Alencar, a figuração de Chagas. Além de alguns dos principais temas presentes nas contendas surgidas entre esses escritores: patriotismo, literatura, tradição histórica e projeto de revitalização da pátria.

Numa outra passagem d' *Os Maias*, seu autor (s.d., p. 123) narra que Alencar odiava Simão Craveiro devido a uma caricaturização que este fez dele em sua obra *Morte de Satanás*. Curiosamente, esta personagem transitará em duas obras³, inicialmente, em *Os Maias* e, finalmente, n' *A Ilustre Casa de Ramires*, como um alter-ego de Eça no sentido de denunciar satiricamente os elementos de degradação ideológica do ultrarromantismo em Portugal, em contrapartida, expondo a necessidade de um tipo de literatura que retratasse de forma natural o social da atualidade. Dessa maneira, Simão Craveiro só aparecerá na narrativa com um fim específico de detratar as figuras, Alencar e José Lúcio Castanheiro⁴, que representavam a literatura piegas e sentimentalista daquele tempo.

O discurso de Alencar é conveniente à situação que lhe é imposta. Sempre se fazendo de bom moço, para resguardar a sua própria glória pessoal e, não raras vezes, os seus interesses e a suas finanças. Este perfil de Alencar está muito próximo ao traçado por Eça para Chagas nas polêmicas entre eles. Na ficção, sabemos que Ega e Alencar não se suportavam nem socialmente nem literariamente. Eça tenta, então, através destas personagens, discutir como se davam as relações não só no meio social, mas principalmente no círculo literário. Como podemos observar no fragmento seguinte, a hipocrisia e a diplomacia andavam juntas se tratando de vaidades sociais e literárias.

Abraçaram-se. Alencar jurou que ainda na véspera, em casa de D. Joana Coutinho, ele dissera que não conhecia ninguém mais cintilante que o Ega! Ega afirmou logo que em poemas nenhuns corria, como os de Alencar, uma tão bela veia lírica. Apertaram-se outra vez, uma palmada pelos ombros. Trataram-se de *irmãos de arte*, trataram-se de *gênios!*... (QUEIRÓS, *O M*, s.d., p. 124, grifo do autor).

³Cf. Campos Matos, 1988, p.122-123. Eça em uma carta de agradecimento, em 1871, a Silva Pinto devido a uma crítica sobre *O Crime do Padre Amaro*, considera que suas intenções literárias e estéticas estão diretamente vinculadas a dois grandes escritores: Balzac e Flaubert. Em 1877, em outra carta ao seu editor, Eça teria a pretensão de escrever uma série de pequenos romances intitulada *Cenas da Vida Real*, como a *Comédia Humana*, com títulos diferenciados, mas onde as personagens transitariam de um romance a outro, nítida inspiração balzaquiana. Outro escritor português que tem como característico o trânsito de personagens em diversas obras de sua autoria é Camilo Castelo Branco.

⁴ Castanheiro Patriotinho será um outro espelhamento da figura literária de Pinheiro Chagas.

Alencar, em outra passagem da narrativa, acredita conhecer realmente a estética realista e que, para pertencer a essa escola, bastava descrever a paisagem. Assim empreende-se na criação de um soneto realista, e o dedica a Carlos. Eça descreve um Alencar ufanista, como muito se referiu a postura de Chagas em sua vida pública e literária. Nessa cena, tratando-se das assimilações, acreditamos que fica claro que Chagas, para o autor de *Os Maias*, combatia algo que desconhecia, como mais tarde Alberto Ferreira (1966) resgatará essa ideia em seu estudo sobre a *Questão Coimbrã*.

Outro ponto de aproximação entre Pinheiro Chagas (empírico) e o Alencar (ficcional) era o de se aventurar em todo o tipo de literatura, após o soneto já vinha projetando mentalmente um romance histórico:

Alencar, já desanuviado, foi acompanhá-los pelo Aterro. E falou sempre, contando o plano de um romance histórico, em que ele queria pintar a grande figura de Afonso de Albuquerque, mas por um lado mais humano mais íntimo: Afonso de Albuquerque namorado: Afonso de Albuquerque, só de noite, na popa do seu galeão, diante de Ormuz incendiada, beijando uma flor seca, entre soluços. Alencar achava isto sublime. (FERREIRA, 1966, p. 296).

Outro estudo, *Os Maias*, de Perry Vidal (1995) considera não a figura de Alencar, mas o Conde de Gouvarinho estaria mais alinhado à pessoa de Pinheiro Chagas. Para Vidal (1995, p.201), este tipo português, ou talvez quem sabe universal, representava “um produto natural e até refinado, de um sistema político em que os espertos tomam o lugar dos inteligentes; entre estes, os cultos se retraem; os oportunistas ganham a ribalta e se pavoneiam na evidência dos feixes de luzes multicores” (VIDAL, 1995, p. 201). Estão presentes nas ideias de aproximação que Vidal faz entre o real (Chagas) e o imaginário (Gouvarinho) características muito próximas das que Eça estabelecia para seu confrade, como os vícios do esnobismo, do cabotinismo e do patriotismo conveniente. Segundo Vidal, em Gouvarinho não há vocação nem talento, erudição, formação, diplomacia, não há, sobretudo, espírito de missão e muito menos caráter. Dessa maneira, Gouvarinho espelhava o protótipo decadente do político que vivia de expedientes, do dinheiro alheio e da exibição. Crítica que também recaía sobre Pinheiro Chagas, sendo ela feita pelos integrantes da Geração de 70, especialmente Eça de Queirós. Se voltarmos nossos olhos aos textos das polêmicas passadas, especificamente *Brasil e Portugal*, veremos certamente que Eça, com extrema ironia, considerava que o espólio literário de Pinheiro Chagas era atravessado:

[...]por um forte e harmonioso sopro de eloquência e que a veia que ali corre é larga, límpida e bela. A sua *verve* fumegante, a sua imaginação delicada e engenhosa, deram-lhe já um grande, um nobre lugar, na história literária de Portugal; e o seu saber, a sua palavra de orador, que acende e revolve, destinam-no a ter em breve lugar, maior ainda, na sua história política. [...]. (QUEIRÓS, NC, s.d, p. 1397).

Como se sabe, o meio composto para o personagem Gouvarinho é um mundo de aparências, que contribui ainda mais para ostentar a sua figura de frases ocas, pretensamente moralistas. E para carregar mais a aproximação entre ambos, Gouvarinho, através de falsos atributos, chega de fato ao cargo no ministério. Nitidamente, há também aqui, uma sutil farpa queirosiana cravada em Pinheiro Chagas, que fora no governo de Fontes Pereira de Melo ministro da Marinha e do Ultramar. Mas, fundamentalmente para Vidal (1995), o que se desprende desta personagem é o fato dela dar certo, ser bem-sucedida junto à opinião popular, apesar da sua incompetência administrativa e política. Novamente, críticas que surgiram contra Pinheiro Chagas, e que agora tomam forma na caricatura de um personagem.

Concluindo, se estivermos no caminho certo em nossas conjecturas, Eça conseguiu de certa forma um cânone para suas personagens caricatas, dentre elas as que surgiram inspiradas em Pinheiro Chagas. Por outro lado, o que sobrevive hoje da figura literária deste polígrafo são abstrações de uma imagem destorcida de um escritor anônimo, diferentemente daquele laureado em seu tempo. Infelizmente, quanto mais se supervaloriza os feitos da geração revolucionária de 1870, principalmente os de Eça de Queirós, mais se cristaliza o ostracismo literário de um de seus desafetos, Pinheiro Chagas.

Referências

AMARAL, Eloy do; MARTHA, M. Cardoso. *Eça de Queirós "In Memoriam"*, 2. ed. Coimbra: Atlântida, 1947. p. 281-287.

FERREIRA, Alberto. *Bom senso e bom gosto. Questão coimbrã*. Textos Integrais da polémica; recolha, notas e biobibliografia por Maria José Marinho, 4 v., Lisboa: Portugália, 1966-1970.

MATOS, A. Campos (Org.). *Dicionário de Eça de Queirós*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1988.

LUSO, João. Prefácio e recolha. *Polêmicas de Eça de Queirós*. Rio de Janeiro/Lisboa: Dois Mundos, 1945.

QUEIROS, Eça. *Obras Completas*. Vol. II e III. Porto: Lello & Irmão, s.d.

SIMÕES, João Gaspar. *Eça de Queirós. O homem e o artista*. Lisboa: Dois Mundos, 1945.

STERNE, Irwin. *Eça de Queirós versus Pinheiro Chagas*. In: Colóquio Letras, n. 55, maio de 1980.

VIDAL, Frederico Perry. *Os enigmas de Os Maias de Eça e Queirós*. Seara Nova Editores, s.l., 1995.

JANE ADRIANE GANDRA

Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina (UEG). jane2316gandra@gmail.com.